

GM (Grde SP)
26/8/98
332

Serra do Mar descobre turismo ambiental

Mata Atlântica, represas, clubes aquáticos, fauna nativa e duplicação de rodovia constituem o rico cenário de lazer da região

Fotos: Patrícia Braga

Márcio Venciguerra
de Juquitiba

A Serra do Mar é o maior pólo de atração eco-turística da Grande São Paulo —tanto na porção do ABC como na extremidade oposta, a cabeceira da Bacia do Ribeira, as modalidades praticadas são parecidas. Trilhas a pé descendo até o nível do mar e trechos de mata percorridos a cavalo ou de bicicleta. Ao longo das principais rodovias, há um grande número de pesqueiros. “Os pesque-e-pague são importantes saídas econômicas para regiões da área de manancial, mas é preciso tomar cuidado para evitar a poluição provocada pelo grande fluxo de pessoas e pela falta de cuidado com os banheiros”, comenta Marrow Gaines Campbell III, presidente da organização não-governamental Associação das Nascentes das Águas Puras.

Os pescadores ainda são a maior parte do público das represas, devido à falta de estrutura de parques em regiões com grandes atrativos culturais e ambientais, como o trecho da estrada velha de Santos e suas belas pontes em arco feitas nos anos 20, e Paranapiacaba, a vila de trabalhadores construída pelos ingleses no final do século passado.

Neste final de ano, uma das regiões mais propícias ao eco-turismo deve passar por uma rápida transformação por causa da duplicação da rodovia Régis Bittencourt, que pode multiplicar o número de turistas. “Estamos a 70 quilômetros da praça da Sé e temos um grande potencial a ser explorado”, comenta o presidente da Comissão Municipal de Turismo de Juquitiba, Francisco de Sá Barbosa. Com represas, Mata Atlântica e corredeiras que já fizeram parte do circuito internacional de canoagem, Juquitiba tende a ser o maior pólo turístico da região.

No entanto, a cidade de 25 mil habitantes, que chega a dobrar nos finais de semana, não tem infra-estrutura para receber uma grande massa de paulistanos. As revistas semanais, por exemplo, só chegam às bancas na segunda-feira. Restaurantes ou hotéis e pousadas são insuficientes e difíceis de achar. Além das cachoeiras, um passeio de barco pela represa permite ver bandos de capivaras, lontras, garças nas pedras da queda onde o Juquiá chega à represa e outras aves. No entanto, o turismo é fortemente voltado aos pescadores e esportes náuticos a motor. “A oferta de lazer ainda é pequena, mas teremos de reagir rápido para

atrair investimentos”. Barbosa mora em Juquitiba há oito anos, porém, começou com um camping há 24 anos e hoje tem três empreendimentos: um condomínio fechado de 200 chalés para mensalistas e dez para aluguel; um porto para barcos de pesca na represa da Cachoeira do França, a mais alta das sete barragens hidrelétricas; e uma hípica. Em parceria com a Canoar, ele explora o rafting, descida de corredeira com bote inflável, no alto Juquiá. “Estou ampliando e acredito que há espaço para empreendedores”, comenta.

Segundo ele, o turismo já é uma das maiores fontes de divisas de Juquitiba. O setor é explorado hoje por 18 empresas e gera 400 empregos diretos, sem contar os caseiros das chácaras de veraneio.

A responsável pelo programa federal de incentivo à formação de conselhos municipais de turismo, Ana Maria Marcondes Machado, busca um sócio para gerenciar a pousada que pretende construir em seu sítio, onde mora há seis anos. “Com a duplicação da rodovia a cidade terá um desenvolvimento incrível, basta ver as outras regiões que estão a 30 minutos de São Paulo”, diz Ana Maria, que calcula que em menos de um ano de duplicação o perfil da cidade estará mudado. “A agricultura e piscicultura já estão mudando, beneficiadas pela facilidade de escoamento”, diz.

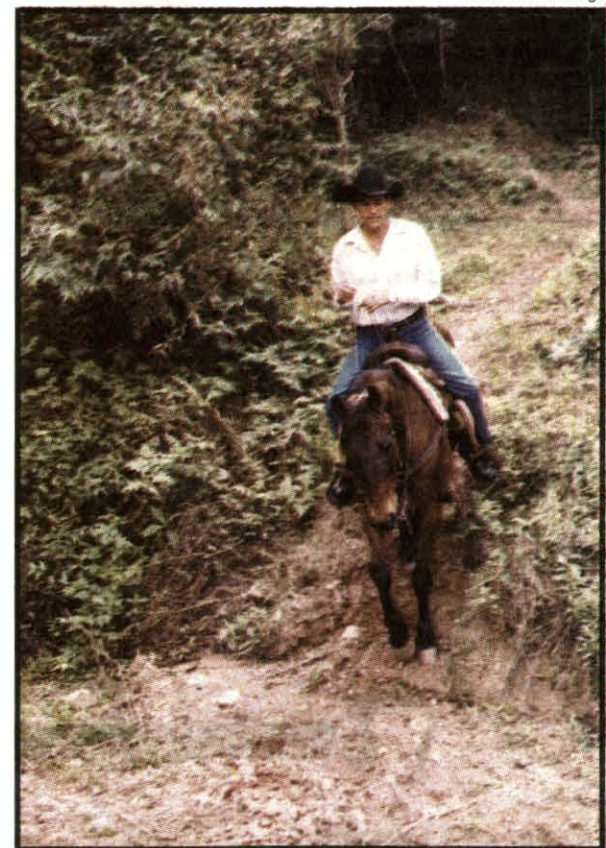
Para ela, é necessário treinar a mão-de-obra, mas espera também que os empreendedores da capital venham em peso. “A agilidade paulistana para os negócios precisa sufocar a mentalidade local, que é muito atrasada”, comenta. Ana Maria diz que não é necessário muito dinheiro para abrir um negócio turístico bem sucedido perto da metrópole, o maior mercado consumidor do Brasil. O patrimônio mais necessário é bom gosto. “Precisa saber cuidar da aparência, da qualidade dos serviços e da comida”, diz.

Um dos motivos que leva Ana Maria a pensar em transformar a sua propriedade numa pousada são as obras do Fantasy, o Clube Aquático do Gugu (Augusto Liberato), que deverá estar parcialmente em funcionamento em outubro. “Vão passar milhares de pessoas pela minha porta”, prevê.

Com um investimento de R\$ 15 milhões, o projeto do Fantasy ficou quatro anos no papel até se adequar a todas as exigências ambientais da região. No panfleto de divulgação do Fantasy os seis selos de órgãos públicos de controle ambiental estão



Corredeiras onde já se disputou o circuito internacional de canoagem; trilhas para passeios a cavalo em meio à densa vegetação constituem atração para grupos de turistas que afluem à região. Tudo a 70 km da Praça da Sé



Obras do Fantasy, o clube do Gugu, em Juquitiba, previsto para funcionar em outubro

em destaque. “Depois das notícias de empreendimentos embargados, queremos ressaltar esse diferencial para o público”, comenta o diretor de planejamento do Fantasy, Anderson Caetano. O clube destinou uma casa de 600 metros quadrados para educação ambiental. Segundo o diretor do Fantasy, César Augusto Gorrão, os cursos de um dia terão apoio de vídeos, telões e computadores ligados aos principais sítios ambientalistas disponíveis na Internet. “Toda a energia da casa será gerada por baterias solares”, comenta Gorrão.

Uma das empresas da região que

mais investe no meio ambiente e divulgação de informações ambientalistas é o Rancho Ranieri, que recebe uma média de 120 crianças por temporada. “Nós temos uma atividade coordenada por um fotógrafo de pássaros, que tem fitas gravadas com cantos para chamar a atenção das aves”, diz Aulus Ranieri. Em dias de sol, as crianças podem observar de 20 a 25 espécies da região. “Essa atividade não pode ser feita com mais de 30 meninos, porque é preciso silêncio absoluto”, diz Ranieri, que doou uma área para São Lourenço montar um centro de tratamento de lixo. ■

Um passeio de barco permite ver bandos de capivaras, lontras e garças

Empresários temem a captação de água

A captação de água do rio Juquiá pela Sabesp (Saneamento Básico do Estado de São Paulo) preocupa as empresas que levam turistas em botes infláveis para as corredeiras (rafting). “As autoridades se comprometem a não extrair água durante os finais de semana para permitir a prática do esporte, mas tememos perder um dos melhores pontos de rafting do País”, diz José Roberto Pupo, da Canoar, empresa de ecoturismo especializada em rafting.

Além da beleza das corredeiras do baixo Juquiá, a proximidade de São Paulo ajuda a empresa a levar cerca de mil turistas por mês. “Nós saímos às 7h15, começamos a descer às 8h30, paramos ao meio-dia e às 13h00 já estamos de volta”, diz Pupo. Outras correntes propícias, como o rio do Peixe no norte do estado, ficam a mais de 120 quilômetros da capital. “Não dá para ir e voltar no mesmo dia”, diz Pupo.

Segundo ele, durante os dois meses secos do inverno, a Canoar reduz suas atividades porque o frio afasta os clientes e há o risco de o barco encalhar nas pedras, dificultando o percurso. Ele teme que a captação amplie essa entressafra.

Segundo o vice-presidente do Comitê da Bacia do Ribeira, Iquape e Litoral Sul, Morrow Gaines Campbell III, o compromisso de não prejudicar o rafting consta por escrito do projeto da Sabesp. Ele diz que há duas soluções técnicas para evitar o problema: não bombear água durante os finais de semana ou construir uma barragem para regular o fluxo das águas. “É muito mais preocupante o problema do esgoto despejado no rio São Lourenço, afluente do Juquitiba”, diz Campbell III. Ele conta que está em projeto uma estação de tratamento de esgoto na região, mas ainda se discute a qualidade da água que deverá ser devolvida ao rio. “Está na pauta da próxima reunião do Comitê, no dia 11, mudar a classificação do rio de I para II”, diz Campbell III. Um rio classe I deve ser mantido puro pois serve para o abastecimento de cidades, o controle do classe II não precisa ser tão rigoroso. “Todo mundo luta para melhorar suas águas e nós não podemos permitir que o critério seja reduzido”, defende Campbell III, que também preside a organização ambientalista Associação da Nascente das Águas Puras.

Segundo o projeto da Sabesp, se-

rão bombeados 4,7 mil litros por segundo por meio de uma adutora até uma estação de tratamento próximo à represa Guarapiranga. “Essa retirada não é significativa para um rio com vazão entre 12 e 18 mil litros por segundo”, diz Campbell.

A Sabesp informa que não abandonou o projeto, mas a empresa ainda não precisa explorar o Juquiá, que permanecera como uma reserva estratégica. Segundo um CD-Room da estatal, a coleta deverá começar após o ano 2000. A Sabesp espera conseguir recursos da iniciativa privada, por meio de uma modalidade de parceria conhecida como Building Operation Transfer.

A região de Juquitiba foi incluída na Grande São Paulo porque há 20 anos já se pensa em explorá-la como manancial. A Bacia do Alto Tietê, onde vive a maioria dos 17 milhões de habitantes da Grande São Paulo, tem uma vazão de 89 mil litros por segundo, dos quais apenas 26,2 mil são usados no abastecimento. Por que a poluição compromete a qualidade dos principais rios, 32,8 mil litros d’água são importados por segundo de bacias vizinhas.

Sabesp se compromete a não tirar água da represa para não afetar rafting

Edgar Werblowsky, da Free Way Adventures, que também opera com rafting no Juquiá não acredita que as autoridades pretendem prejudicar o esporte na corredeira. A Free Way tem outros dois pacotes na Grande São Paulo: descer trilhas de Mogi a Bertioga e de Salesópolis a Boicunganga. “Nós deixamos de operar na descida de Paranapiacaba porque as trilhas de lá tem acesso fácil por trem e fica muito lotada”, diz.

Werblowsky, que é presidente da entidade empresarial Instituto de Ecoturismo do Brasil, calcula que o setor mova R\$ 5 milhões por ano. Para ele, a Grande São Paulo não tem muito potencial para o ecoturismo, porém, concentra a maior parte do público. “O habitante da grande cidade tem necessidade de visitar áreas verdes, independente de classe social”, diz Werblowsky. Ele discorda de que o ecoturismo seja um privilégio das classes A e B. “Existem planos sofisticados, como safaris na África, mas também passeios próximos à cidade, com acesso por meios de transporte de massa”, comenta Werblowsky.

Para Werblowsky não é possível considerar ecoturismo os esportes a motor — tanto os náuticos como as trilhas com jipe e moto. “Eles são de alto impacto ambiental”, diz. ■